

# MODA: DA ESTÉTICA À ÉTICA AMBIENTAL BIOCÊNTRICA

**Schulte, Neide Köhler** – Mestre - Doutoranda, neideschulte@yahoo.com.br  
UDESC Universidade do Estado de Santa Catarina

**Resumo:** A natureza é um tema freqüente que inspira as coleções de moda. Recentemente, além da estética, que está sempre presente, a moda passou a considerar a natureza não apenas como um tema para inspiração, mas sim, como algo que deve ser considerado e respeitado. Falar em respeito e consideração é falar de ética. Na Conferência do Rio 92, se introduz o conceito de desenvolvimento sustentável, definido como ‘um crescimento para todos, assegurando ao mesmo tempo a preservação dos recursos para as futuras gerações’. Esta proposta, que rompe com os antigos modelos econômicos, é a primeira a integrar meio ambiente com futuro econômico, social e cultural das sociedades humanas. Na definição para desenvolvimento sustentável, é possível observar a visão antropocêntrica do homem em relação à natureza. O ser humano está preocupado com o meio ambiente, porque sabe que a sobrevivência da sua espécie depende da preservação dos recursos naturais do planeta Terra. Portanto, atribui um valor indireto para a natureza, que deve ser preservada e recuperada visando benefício para o ser humano. Ou seja, a preocupação real e direta é com o ser humano. Numa perspectiva ambiental biocêntrica, a preocupação é diretamente com a natureza, ela deve ser preservada e recuperada, independentemente da sua função utilitária para a preservação da espécie humana. A partir do estudo do livro *Respect for Nature*, do teórico Paul Taylor, verificou-se uma teoria para a ética ambiental biocêntrica. É uma tentativa de estabelecer as bases racionais de um sistema de princípios morais, através do qual, o tratamento humano para com o ecossistema natural e as comunidades selvagens, deva ser guiado. Taylor argumenta que além dos deveres que possuem para com os outros seres humanos, humanos são moralmente requeridos a se preocupar com certas ações que possam beneficiar ou prejudicar os seres selvagens no mundo natural. O mundo natural não é um simples objeto para ser explorado pelos humanos, nem as criaturas utilizadas como recursos de nosso uso e consumo. Ao contrário, as comunidades de vida selvagens são merecedoras de nossa preocupação moral e consideração, pois possuem um tipo de valor que pertence a elas inerentemente.

**Palavras-chave:** Moda, Ética, Desenvolvimento sustentável

## 1. INTRODUÇÃO

A natureza está freqüentemente presente na moda como um tema que inspira coleções das marcas e dos estilistas. No entanto, nos últimos anos, a moda passou a tratar a natureza não apenas como um tema para inspiração, mas sim, como algo que deve ser considerado e respeitado. Falar em respeito e consideração é falar de ética.

O cuidado com o meio ambiente passou a ser um quesito na elaboração de projetos de design de produtos e serviços, em diversas áreas. Da origem da matéria-prima, ao descarte no pós-uso, todas as etapas durante este processo são consideradas para se verificar o impacto que causam os produtos no meio ambiente.

Nessa conjuntura insere-se o designer, cuja responsabilidade na escolha da matéria-prima e o processo de produção, é determinante para minimizar o impacto que um produto pode causar ao meio ambiente. No entanto, todos são responsáveis pelos problemas ambientais: o consumidor, a indústria e o designer.

Na Conferência do Rio 92, se introduz pela primeira vez o conceito de desenvolvimento sustentável: “um crescimento para todos, assegurando ao mesmo tempo a preservação dos recursos para as futuras gerações”. Esta proposta, que rompe com os antigos modelos econômicos, é a primeira a integrar meio ambiente com futuro econômico, social e cultural das sociedades humanas<sup>1</sup>.

Nesta definição para desenvolvimento sustentável, é possível observar a visão antropocêntrica do homem em relação à natureza. O ser humano está preocupado com o meio ambiente, porque sabe que a sobrevivência da sua espécie depende da preservação dos recursos naturais do planeta Terra. Portanto, atribui um valor indireto para a natureza: deve ser preservada e recuperada visando benefício para o ser humano. Ou seja, a preocupação real e direta é com o ser humano.

Sob uma perspectiva ambiental biocêntrica, a preocupação é diretamente com a natureza, ela deve ser preservada e recuperada dos danos causados, independentemente da sua função utilitária para a preservação da espécie humana.

No livro *Respect for Nature*<sup>2</sup>, o teórico Paul Taylor apresenta uma teoria para uma ética ambiental biocêntrica. É uma tentativa de estabelecer as bases racionais de um sistema de princípios morais, através dos quais, o tratamento humano para com o ecossistema natural e as comunidades selvagens, deva ser guiado. Taylor argumenta que, “independente dos deveres que possuímos para com os outros seres humanos, nós somos moralmente requeridos a nos preocupar com certas ações que possam beneficiar ou prejudicar os seres selvagens no mundo natural”<sup>3</sup>. O mundo natural não é um simples objeto para ser explorado pelos humanos, nem as criaturas utilizadas como recursos de nosso uso e consumo. Ao contrário, as comunidades de vida selvagens são merecedoras de nossa preocupação moral e consideração, pois possuem um tipo de valor que pertence a elas inerentemente.

## 2. ÉTICA AMBIENTAL BIOCÊNTRICA: BEM PRÓPRIO, VALOR INTRÍNSECO, VALOR INERENTE E BEM INERENTE

Para definir o valor das entidades na natureza, Taylor inicia com a definição do conceito de *bem próprio*. Para o autor, o tipo de entidade possuidora de *bem próprio* é sempre entendida como um organismo individual<sup>4</sup>. Uma forma de saber se algo pertence à

---

<sup>1</sup> KAZAZIAN, Thierry. Design e desenvolvimento sustentável: haverá a idade das coisas leves. São Paulo: Editora SENAC, 2005, p. 26.

<sup>2</sup> TAYLOR, Paul W. *Respect for Nature: a theory of environmental ethics*. 2. impress with corrections. New Jersey, Princeton: Princeton University Press, 1987.

<sup>3</sup> TAYLOR, Paul W. *Respect for Nature*, p. 10

<sup>4</sup> TAYLOR, Paul W. *Respect for Nature*, p. 69.

classe de entidades que possuem *bem próprio*, é ver se faz sentido falar sobre o *bem* ou *mal* da coisa em questão. Se for possível dizer, de forma verdadeira ou falsa, que algo é bom ou ruim para uma entidade, sem referência a qualquer outra entidade, então a entidade possui *bem próprio*<sup>5</sup>.

Essas idéias podem igualmente ser expressas em termos de benefícios ou malefícios. Beneficiar uma entidade é preservar a condição que é favorável para a mesma, ou evitar, ou prevenir o acontecimento de uma condição que seja desfavorável para ela. Prejudicar é acarretar uma condição desfavorável ou destruir ou tirar uma condição favorável. Os termos "favorável" e "desfavorável" se aplicam a algo do qual seu *bem próprio* pode ser buscado ou danificado, e isto pode verdadeiramente ser dito apenas para uma entidade que possui *bem próprio*<sup>6</sup>.

Taylor apresenta outro conceito necessário para entender o que significa possuir uma atitude de respeito pela natureza, é o conceito de *bem inerente* (*inherent worth*) de uma entidade.

## 2.1 Valor intrínseco, valor inerente e bem inerente

Para esclarecer o que significa para uma entidade possuir *bem inerente*, Taylor apresenta dois outros conceitos de valor: o conceito de *valor intrínseco* e *valor inerente*. Nenhum é idêntico ao *bem inerente*.

### 2.1.1 Valor intrínseco

Quando humanos ou outros seres conscientes atribuem valor positivo a um evento ou condição em suas vidas, que diretamente vivenciam como agradável, e quando valorizam a experiência, considerando-a boa, o valor que lhe atribuem é intrínseco. A experiência é julgada como intrinsecamente boa. Valor intrínseco é igualmente atribuído a objetivos que seres conscientes buscam alcançar, e também a seus interesses que buscam como intrinsecamente válidos<sup>7</sup>.

### 2.1.2 Valor inerente

Este é o valor em que posicionamos um objeto ou um lugar (assim como uma obra de arte, um prédio histórico, um campo de batalha, uma "maravilha da natureza" ou um sítio arqueológico) que acreditamos que deva ser preservado, não por causa de sua utilidade ou valor comercial, mas simplesmente por sua beleza, sua importância histórica, ou sua significância cultural. Quando um objeto ou lugar é valorizado desta forma, se considera equivocado destruí-lo ou prejudicá-lo, ou permitir que o lugar seja negligenciado. Providências são tomadas para preservá-lo em boas condições e para protegê-los do vandalismo. É algo precioso para as pessoas, algo que concentra valor, independente de qualquer utilidade prática ou valor comercial que possa ter, é sustentado pela estima. Um indivíduo pode valorizar qualquer objeto, sabendo que não é valioso para o mercado, desde que lhe tenha sido dado por alguém querido. Independentemente da base do valor inerente atribuído a algo, de ser estético, histórico, cultural ou sentimental, *o valor inerente de algo é relativo e dependente de alguém que o valorize*. Se as pessoas admiram algo pelo que é,

<sup>5</sup> TAYLOR, Paul W. *Respect for Nature*, p. 61.

<sup>6</sup> TAYLOR, Paul W. *Respect for Nature*, p. 62.

<sup>7</sup> TAYLOR, Paul W. *Respect for Nature*, p. 73

independentemente de seus méritos, lhe faltaria valor inerente. O mesmo funciona para seres vivos considerados apenas como objetos de valor inerente. Na ausência de valorização subjetiva da parte das pessoas que os valorizam pelo que são, tais animais e plantas não possuiriam valor inerente. Seu valor é ‘inerente’ apenas no sentido de que são avaliados pela sua importância não-comercial, e independentemente de qualquer uso prático a qual poderiam ser submetidos<sup>8</sup>.

### 2.1.3 Bem inerente

O termo *bem inerente* (*inherent worth*) deve ser atribuído apenas a entidades possuidoras de *bem próprio*. O reconhecimento do *bem inerente* de uma entidade é declarado de dois modos:

- (a) independentemente de uma entidade ser valorizada de forma intrínseca ou instrumental, por algum avaliador humano;
- (b) independentemente de uma entidade ser de fato útil para a busca da realização do bem de algum outro ser, humano ou não-humano, consciente ou não-consciente<sup>9</sup>.

Portanto, na teoria de Taylor, se um ser vivo possui *bem inerente*, este possui tal valor independentemente de qualquer valor instrumental ou inerente, e sem referência ao bem de qualquer outro ser.

Conforme Taylor, se considerarmos as pessoas como possuidoras de *bem inerente*, então todas elas possuem o mesmo valor, sendo que é a personalidade a base de seu valor<sup>10</sup>. É possível estabelecer a verdade da afirmação, de que uma pessoa possui *bem inerente*, ao mostrar que apenas esta forma de considerar as pessoas é coerente com a concepção de toda pessoa, como um ser racional, valorizado um centro autônomo de vida consciente<sup>11</sup>.

O mesmo tipo de argumento, segundo Taylor, também sustenta a afirmação de que todos os animais e plantas, no mundo natural, possuem *bem inerente*. Pode-se estabelecer a verdade de tal afirmação ao mostrar que apenas esta forma de considerá-los é coerente com o sistema de crenças, do ponto de vista biocêntrico da natureza<sup>12</sup>.

Na teoria da ética ambiental biocêntrica elaborada por Taylor, os humanos devem identificar a sua existência, as suas relações com os outros seres vivos e o conjunto de ecossistemas naturais em nosso planeta, como um membro da “comunidade de vida da Terra”<sup>13</sup>.

### 2.1.4 Biocentrismo X antropocentrismo

O ponto de vista biocêntrico desemboca em uma visão não hierárquica da natureza. Aceitar tal ponto de vista é comprometer-se com o princípio da imparcialidade entre as espécies. Nenhuma preferência a favor de alguns sobre outros é aceitável. Esta imparcialidade se aplica à espécie humana, assim como se aplica às espécies não-humanas.

Após a publicação da obra *Respect for Nature*, muitos teóricos ambientalistas, por exemplo, James Sterba, Baird Callicott, Nicholas Agar, Kenneth Goodpaster, Rick O’Neil,

<sup>8</sup> TAYLOR, Paul W. *Respect for Nature*, p. 73-74

<sup>9</sup> TAYLOR, Paul W. *Respect for Nature*, p. 75

<sup>10</sup> TAYLOR, Paul W. *Respect for Nature*, p. 77

<sup>11</sup> TAYLOR, Paul W. *Respect for Nature*, p. 78

<sup>12</sup> TAYLOR, Paul W. *Respect for Nature*, p. 79

<sup>13</sup> TAYLOR, Paul W. *Respect for Nature*, p. 44

entre outros, elaboraram teorias refutando ou aceitando a teoria da ética ambiental biocêntrica proposta por Taylor.

No Brasil, embora não se encontrem textos de teóricos ambientalistas biocêntricos, pode-se observar que o ambientalista José Lutzenberger, através das suas argumentações, tem uma visão ambientalista biocêntrica:

Se quisermos sair da atual crise ecológica que a humanidade trouxe sobre si mesma, e se não sairmos, não teremos futuro, vamos precisar de uma moral mais ampla, mais completa, de uma ética ecológica. Temos que aprender a ver o todo. Temos que nos livrar deste velho preconceito ocidental, de que o homem é o centro do universo, de que toda criação esta aqui para nos servir, de que temos direito de usá-la e abusá-la sem sentido algum de responsabilidade. Temos que nos libertar da idéia de que outros seres só têm sentido em função da sua utilidade imediata para o homem. Nossa ética terá que incluir toda criação<sup>14</sup>.

José Lutzenberger foi um dos ambientalistas brasileiros mais ativos nas décadas de 70 e 80. Formação acadêmica como engenheiro agrônomo, ex-vendedor de produtos químicos, revelou-se um excepcional conferencista sobre questões ligadas a preservação ambiental. Em 1971, proferiu a conferência '*Por uma ética ambiental ecológica*', considerada um marco do movimento ambiental brasileiro<sup>15</sup>.

Entre os argumentos apresentados por Lutzenberger, como causadores dos problemas ambientais está "a ética ocidental, a que hoje domina o mundo, independente de ideologias políticas e religiosas, é exclusivamente antropocêntrica, não reserva nenhum lugar para as demais criaturas"<sup>16</sup>.

## 2.2 A ética como princípio para sustentabilidade ambiental

O ponto de vista ético da sociedade humana é predominantemente humano-centrado (antropocêntrico). Desta forma, os princípios básicos de uma teoria de ética ambiental biocêntrica serão, a princípio, confundidos por muitos<sup>17</sup>. A condição moral da ética humana, é o "respeito pelas pessoas"<sup>18</sup>. Em adição as obrigações morais que humanos tem entre seus pares, os humanos, também possuem deveres para com os demais seres da comunidade viva da Terra<sup>19</sup>.

As obrigações com as formas de vida não-humanas estão baseadas no seu *status* de entidades possuidoras de *valor inerente*. Estas possuem um tipo de valor que pertence a elas por meio de sua própria natureza, e é o valor que torna equivocado trata-las como se existissem apenas como meros meios para possibilitar ações humanas. É pelo bem deles, que seu bem deve ser promovido ou protegido. Assim como os humanos devem ser tratados com respeito, as formas de vida não-humanas também devem ser tratadas.

Códigos de ética são criados para estabelecerem padrões e regras que definem os direitos e deveres que regem a conduta entre os humanos. Para cada área do conhecimento são estabelecidos códigos com padrões e regras específicos.

<sup>14</sup> LUTZENBERGER, José. *Por uma Ética Ecológica in* BONES, Elmar; HASSE, Geraldo. *Pioneiros da Ecologia – Breve História do Movimento Ambientalista no Rio Grande do Sul – Porto Alegre*, Editora Já, 2002, pg 190. Artigo publicado no jornal Correio do Povo em 29/08/1971.

<sup>15</sup> BONES, Elmar; HASSE, Geraldo. *Pioneiros da Ecologia*: pg 98.

<sup>16</sup> BONES, Elmar; HASSE, Geraldo. *Pioneiros da Ecologia*: pg 188.

<sup>17</sup> TAYLOR, Paul W. *Respect for Nature*, p. 24

<sup>18</sup> TAYLOR, Paul W. *Respect for Nature*, p. 26

<sup>19</sup> TAYLOR, Paul W. *Respect for Nature*, p. 13

No design gráfico foi estabelecido um código de ética profissional pela ADG, Associação dos Designers Gráficos. Segundo Kapaz,

É a postura ética que alicerça o respeito que precisa-se conquistar e manter. Respeito entre colegas de profissão, que, ao adotarem padrões reconhecíveis e comuns, passam a atuar de maneira justa e consistente em relação ao mercado. Respeito entre designer e cliente, para que os modelos de conduta profissional assegurem direitos e deveres das partes, estabelecendo claramente os compromissos com a qualidade e a construção de relações maduras<sup>20</sup>.  
“Definir as diretrizes de comportamento foi o primeiro passo para a consolidação de nossa atuação profissional, porque sem ética não há estética”<sup>21</sup>.

Na elaboração do código de ética profissional dos designers gráficos, encontra-se referência ao meio ambiente nos seguintes pontos:

Capítulo II – Artigo 5º:

2. Contribuir para a emancipação econômica e tecnológica de nosso país, procurando utilizar técnicas e processos adequados ao nosso meio ambiente e aos nossos valores culturais e sociais<sup>22</sup>;

Capítulo II – Artigo 9º:

3. Contribuir para o uso racional de recursos materiais e humanos, visando o estabelecimento de melhores condições sociais e ambientais<sup>23</sup>;

Embora se encontre referência ao meio ambiente, não se estabelecem regras específicas que regem a conduta destes profissionais em relação a uma ética de respeito pela natureza. Na verdade, regras específicas só terão valor real para a natureza, quando se estabelecer uma ética ambiental biocêntrica, onde os seres vivos do mundo natural possuem um valor simplesmente em virtude do fato de serem membros da comunidade viva da Terra. Tal valor não deriva da possibilidade de uso dos humanos.

A complexidade em estabelecer regras de conduta para as atividades dos humanos, diante da visão ambiental biocêntrica, tem desafiado os teóricos. Estes buscam formular teorias que apresentem regras coerentes para guiarem as ações humanas, permitindo o desenvolvimento sustentável ambientalmente, com menor impacto possível para a natureza.

### 2.3 Moda com sustentabilidade ambiental

O vestuário de moda é um produto efêmero, está associado ao consumismo. O sistema da moda assim se configurou a partir da Revolução Industrial. Ou seja, está na contramão do desenvolvimento sustentável e do consumo consciente. Para o vestuário, a cada estação se propõe novos produtos, com modelagens, cores e tecidos diferentes. Há um grande apelo para que o consumidor se mantenha na “moda”, substituindo as roupas que ainda estão em bom estado, por novos modelos, desenvolvidos de acordo com as tendências apresentadas pelos grandes birôs de estilo, e pelas feiras internacionais de moda. É tão rápida a relação entre consumidor e roupa, que não há tempo para a roupa carregar a memória da pessoa que a veste. A roupa, enquanto vestuário de moda, não passa de mera mercadoria rapidamente descartável. Atribui-se muito valor a mercadoria, mas não ao

<sup>20</sup> KAPAZ, Ronald. *Ética e Design in O valor do design: guia ADG Brasil de prática profissional do designer gráfico*. 2ª ed. Editora Senac São Paulo; ADG Brasil Associação do designer gráfico, 2004, pg 47.

<sup>21</sup> KAPAZ, Ronald. *Ética e Design*. pg 47.

<sup>22</sup> KAPAZ, Ronald. *Ética e Design*. 2004, pg 47.

<sup>23</sup> KAPAZ, Ronald. *Ética e Design*. 2004, pg 50.

objeto em si, a roupa. Assim, ela é trocada quando são lançadas as novas tendências e, muitas vezes, se paga caro pela novidade, não pela roupa em si.

Uma dicotomia se estabelece ao se falar em sustentabilidade ambiental na moda. O produto de moda é efêmero, símbolo do consumismo e para a sustentabilidade ambiental é preciso um consumo consciente de produtos devem ser desenvolvidos para um ciclo de vida mais longo, ou serem substituídos por serviços.

Projetar um produto de moda, considerando os princípios da sustentabilidade ambiental, economicamente viáveis, socialmente e ambientalmente corretos, requer muita criatividade.

Se o desejo é o motor do desenvolvimento sustentável, a criatividade é seu combustível: é a criatividade que dará o impulso ao empreendedor para imaginar um produto ou serviço mais (satisfação às necessidades) com menos (recursos e trabalho). É a criatividade que vai inspirar o político ou o legislador a conceber as mais adequadas e flexíveis estruturas. É a criatividade que vai permitir ao pesquisador encontrar soluções elegantes para problemas cada vez mais complexos. E finalmente, é a criatividade que vai dar vontade ao consumidor, ao eleitor, ao investidor de escolher um desenvolvimento que tenha mais sentido<sup>24</sup>.

Mudar o consumo faz parte das alternativas em que pensa e trabalha o ecodesign, isto é, a integração do desenvolvimento sustentável na concepção dos bens e serviços, é também um eixo de ação que foi retomado pelos participantes da Reunião de Cúpula sobre desenvolvimento sustentável, realizada em agosto de 2002, em Johannesburgo. Esse desafio planetário exige uma evolução maior: a passagem progressiva de uma sociedade de consumo, para uma sociedade de uso. Grande parte dos bens materiais deve ser concebida de outra forma, passar do produto ao serviço implica na redefinição dos objetos<sup>25</sup>.

A redefinição dos objetos, a substituição do consumo pelo uso de produtos, a ética na relação dos humanos com a natureza, é um novo cenário que se estabeleceu e requer muita pesquisa, investimentos e mudanças de valor.

Um impulso dado hoje pode trazer resultados concretos no prazo de dois a cinco anos, mostrando, assim, que não é necessário esperar a próxima revolução tecnológica “limpa” em um hipotético futuro. Nossa sociedade precisa dar um enorme salto criativo: isso deverá acontecer por meio dos objetos concebidos para tecer um novo vínculo do homem e a natureza<sup>26</sup>.

Na verdade, segundo alerta de vários cientistas e pesquisadores do meio ambiente, não há tempo para esperar por mudanças culturais, por uma revolução tecnológica ou de valores. Estas mudanças podem levar anos, e a crise ambiental gerada pelo desenvolvimento humano, se aproxima de um cataclisma.

Para muitas pessoas, este alerta não passa de um exagero, sensacionalismo dos ambientalistas. Contudo, já é possível observar nas mudanças climáticas, na extinção de diversas espécies de animais e plantas, nas pandemias, entre outros, que o ser humano precisa rever sua relação com a natureza. E esta mudança pode ocorrer de uma forma ou outra, por caminhos traumáticos ou, uma transição por escolha,

Praticar a sustentabilidade ambiental significa cuidar das coisas. Do menor de todos os produtos, até o planeta inteiro e vice-versa. Como podemos imaginar a transição para a sustentabilidade? Por caminhos traumáticos, uma transição forçada por efeitos catastróficos, que de fato obrigam a uma reorganização do sistema, a mais indolores, uma transição por escolha, isto é, como

<sup>24</sup> KAZAZIAN, Thierry. *Design e desenvolvimento sustentável*, p. 8

<sup>25</sup> KAZAZIAN, Thierry. *Design e desenvolvimento sustentável*, p. 10

<sup>26</sup> KAZAZIAN, Thierry. *Design e desenvolvimento sustentável*, p. 10

efeitos de mudanças culturais, econômicas e políticas voluntárias que reorientem as atividades de produção e consumo<sup>27</sup>.

Diante deste contexto, como conciliar a moda com o desenvolvimento sustentável se “os indivíduos atomizados, absorvidos consigo mesmos, estão pouco dispostos a considerar o interesse geral, a renunciar aos privilégios adquiridos; a construção do futuro tende a ser sacrificada às satisfações das categorias e dos indivíduos do presente<sup>28</sup>”. Indubitavelmente se está diante de um grande desafio, tanto para moda, quanto para sociedade humana inteira.

Se as mudanças na moda dependem da cultura estabelecida e dos ideais sociais que a compõem, é complexo pensar a moda inserida no contexto do desenvolvimento sustentável. No entanto, sob a aparentemente tranqüila superfície da cultura estão intensas correntes psicológicas, das quais a moda rapidamente capta a direção. Então, se em uma sociedade democrática, onde existem diversas iniciativas e movimentos para estabelecer o desenvolvimento sustentável, a moda rapidamente encontrará uma forma de incorporá-lo. “A natureza pode responder à necessidade de cada um, mas não à avidez de todos<sup>29</sup>”, Gandhi.

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Agir com ética, tanto na relação com os demais humanos, quanto com a natureza, pode ser a atitude desencadeadora para a real possibilidade de um desenvolvimento sustentável. Sem o reconhecimento, pelos humanos, do valor inerente da natureza, a partir de uma ética ambiental biocêntrica, onde há o respeito por todas as formas de vida, será praticamente uma utopia preservar a espécie humana no planeta Terra.

Diante deste contexto, a moda passa a explorar novos cenários como a *Vintage*, roupas usadas que são vendidas em brechós e lojas e passam a fazer parte dos guarda-roupas de moda. Com o ciclo de vida mais longo das roupas, a moda, dentro da estética contemporânea, se aproxima da ética ambiental.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- ADG Brasil. *O valor do design: guia ADG Brasil de prática profissional do designer gráfico*. 2ª ed. Editora Senac São Paulo; ADG Brasil Associação do designer gráfico, 2004.
- BONES, Elmar; HASSE, Geraldo. *Pioneiros da Ecologia – Breve História do Movimento Ambientalista no Rio Grande do Sul – Porto Alegre*, Editora Já, 2002.
- LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.
- MANZINI, E; VEZZOLI, C. *O desenvolvimento de produtos sustentáveis. Os requisitos ambientais dos produtos industriais*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

---

<sup>27</sup> MANZINI, E; VEZZOLI, C. O desenvolvimento de produtos sustentáveis. Os requisitos ambientais dos produtos industriais. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005, p. 17.

<sup>28</sup> LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Cia das Letras, 1989, p.13.

<sup>29</sup> In KAZAZIAN, Thierry. *Design e desenvolvimento sustentável*, p. 18

KAZAZIAN, Thierry. *Design e desenvolvimento sustentável: haverá a idade das coisas leves*. São Paulo: Editora SENAC, 2005.

TAYLOR, Paul W. *Respect for Nature: a theory of environmental ethics*. 2. impress with corrections. New Jersey, Princeton: Princeton University Press, 1987.